

Dandies criollos: ideologia e indumentária no Rio da Prata dos Oitocentos

Joana Bosak de Figueiredo – PDJ CNPq UFRGS

Resumo: Formas híbridas do dândi europeu difundiram-se pelo Rio da Prata com conotações variadas. Além da ordem vestimentária visivelmente empregada, dândis *criollos* aderiram ao movimento em sua faceta literária e política, criando, como os precursores europeus, uma estética para a vida cotidiana.

Palavras-chave: dândis, Rio da Prata, hibridismo

Abstract: Hybrid forms of european dandies took place in Rio de la Plata with different points of view. Besides vestimentary order visibly engaged, this dandies *criollos* assumed the movement in this literary and political aspects, desingning, as their European antecessors, a esthethic for day-by-day life.

Keywords: dandies, Rio de la Plata, hybridism

Quem distingue o feio do belo distingue o mal do bem.

José Enrique Rodó, Ariel, 1900

Entre civilização e barbárie; bem e mal; tradição e modernidade

Entre ser civilizada e bárbara, boa ou má, conservadora ou moderna; eis as chaves para a discussão ideológica da América do Sul ao longo do século XIX e mesmo princípios do XX.

Se o intelectual uruguaio José Enrique Rodó (1872 – 1917), parte do texto mítico *A Tempestade*, de William Shakespeare para pensar a imagem e semelhança do homem americano como supra sumo da experiência humana, é porque nele encontrou substrato fundamental para pensar questões culturais de primeira ordem – beleza/fealdade, bondade/maldade – e dois oponentes representativos dessas qualidades/defeitos: Ariel e Calibã.

Em busca de uma identidade a ser constituída entre tantas possibilidades forâneas e nativas, foi no hibridismo cultural que o homem sul americano se forjou. Misto de Ariel e Calibã, de europeu e índio, crioulo e gaúcho, imigrante e bugre, é que o Novecentista platino se consitui. A forma exterior que ele assumirá, sua segunda pele, será a exteriorização de seu imaginário político e ideológico também. Por isso, sugerimos aqui que os formadores dessa identidade passaram pela significação de suas vestes para que chegassem também aos seus ideais políticos e estéticos.

Assim como as outras regiões colonizadas deste mesmo período, o Cone Sul, e mais especificamente a região platina passou por diversos momentos de ruptura e de aproximação com a modernização por que passava a Europa no período. Como se sabe os sentidos do ser moderno não se ativeram apenas às transformações trazidas imediatamente pela industrialização da Europa, mas por todos os seus desdobramentos, visíveis e invisíveis nos novos hábitos de consumo, nos estilos de vida, nas relações entre as pessoas e mesmo entre os sistemas literários e a cultura como um todo.

Evadindo-se da Europa e firmando raízes nos países ditos periféricos, a modernidade tardia já foi sentida na literatura do século XIX e foi acompanhada de amplo material simbólico: os poetas, artistas e políticos fizeram da indumentária, assim como os dândis europeus, um veículo potente de emissão de ideias políticas e culturais.

Da Regência inglesa e dos Impérios e Repúblicas Franceses, sucessivamente, receberam, os países do sul da América do Sul, um influxo de ideias liberalizantes economicamente, assim como os manifestos artísticos do Romantismo e seus congêneres locais.

Divulgado, difundido, sentenciado, criticado, elogiado, enfim; tornado objeto de discussão, o Dandismo e suas múltiplas interferências sociais colocou-se na boca, na pena e na vestes de escritores e mesmo políticos franceses e ingleses da virada do século XVIII para o XIX e ao longo do mesmo XIX, estendendo seus domínios no mundo ao longo do século XX.

Autores como o escocês Thomas Carlyle (1795 – 1881), que em seu *Sartor Resartus* satirizava o excesso de apelo indumentário de sua época e os franceses Charles Baudelaire (1821 – 1867); com seus tratados sobre a modernidade e a vida moderna; Honoré de Balzac (1799 – 1850), com sua busca pelo Absoluto em *A Comédia Humana* e no *Tratado da Vida Elegante*; Theophile Gautier (1811 – 1872), com seu *De La mode*; Barbey d'Aurevilly (1808 – 1889) e sua biografia elogiosa sobre Beau Brummell; por exemplo, remeteram-se à figura do dândi em busca de respostas e mesmo de perguntas às questões de sua época com seus textos provocativos e repletos de imagens sugestivas a respeito desse esteta como figura digna dos piores impérios ou, por outro lado, de ser seguido como sábio hedonista.

O Rio da Prata: Buenos Aires, Motevideu e Pelotas

No caso do Rio da Prata, essa mescla derivou para os interesses maiores de definição político-partidária e mesmo nacional: os dândis platenses representavam uma classe ou um partido, além de um lugar em busca de uma identidade pós-colonial.

No caso da Argentina é visível o uso da chamada “Moda federal” entre os partidários do presidente Juan Manuel de Rosas, líder dos proprietários do interior, que se utilizou do vermelho para identificar seus seguidores, defensores de uma vertente mais conservadora e arcaizante que via na antiga estrutura agrária a continuidade de uma economia e de uma tradição coloniais.

Contrariamente, os unitários, defensores do centralismo portenho e suas influências europeias como signo da modernização política, econômica e cultural, utilizavam-se da barba a la Lincoln, em forma de U, deixando completamente evidente sua filiação político-partidária.

Entre os dândis argentinos dessa época estão vários escritores e políticos da chamada Geração de 1837, intelectuais que pensaram os rumos da nação independente, como Estebán Echeverría e Juan Bautista Alberdi, este responsável pela publicação *La Moda*, imitação do periódico francês *La Mode*. Este jornal se autointitulava a “Gazeta semanal de música, poesia, literatura e costumes” e se opunha ferrenhamente ao regime tirânico de Rosas. Eram democratas e republicanos. Na publicação de ideias ressignificadas do

Iluminismo defendiam o mérito social, mas também a polidez como ferramenta política, um dos mandamentos do bom dândi.

Mera coincidência?

Segundo Regina Root a adoção de estilos estrangeiros por esses ativistas foi uma das vias para o Iluminismo e não um fim em si.

No caso de Montevideú, a figura mais emblemática e a de Roberto de las Carreras, central na intelectualidade daquele lado do Prata, como ensaísta, modernista, mas principalmente esteta, dedicado entre outros temas ao erotismo.

Posteriormente há a presença de Horacio Quiroga, poeta também vinculado ao dandismo platense.

Pelotas

No caso do Rio Grande do Sul, o epicentro de uma tradição dândi e quiçá único lugar passível de ocorrência do dandismo é a cidade de Pelotas, a cidade mais rica e desenvolvida do início do século XIX – “com a cara de Paris” - e que gestaria dois dos grandes autores do Rio Grande de São Pedro dos Oitocentos: Lobo da Costa, poeta romântico, que sofreu do famoso “mal do século”, morrendo prematuramente, aos 34 anos, e João Simões Lopes Neto, escritor e cronista das coisas do sul, de sua tradição oral e folclore, que vive e escreve já na virada do século XIX para o XX, oriundo da aristocracia local e que viveu parte da juventude no Rio de Janeiro, convivendo com o que a Corte oferecia em termos de costumes e ideias novecentista.

Diversos entre si no espaço, no tempo e nas áreas temáticas, os autores anteriormente citados fizeram de sua pena e de sua relação com as aparências o seu libelo pelo que acreditavam, fosse em português culto – Lobo da Costa -, fosse no fronteiro de Lopes Neto ou mesmo nos espanhóis de Roberto de las Carreras, Echeverría e Alberdi.

O Museu da Baronesa, em Pelotas, é um exemplo de como a arte do bem viver, tão cara ao movimento do dandismo, encontrou nessa acolhida nessa cidade nos confins de uma província tão distante dos centros político, econômico e cultural do Brasil.

Nesta residência-museu, estão expostas peças de acervo têxtil, coletadas entre as famílias tradicionais da região.

Sublinha-se aqui a confluência de saberes e técnicas, encontradas também nas imagens, das cidades do entorno do Rio da Prata aqui mencionadas.



A ruptura nas roupas

A imagem reproduzida anteriormente apresenta um embate comum na iconografia do século XIX: o paradoxo, presente em qualquer sociedade minimamente inserida em um paradigma de feição ocidentalizante, o da dicotomia tradição *versus* modernidade.

No daguerreótipo vemos três figuras masculinas, representando ao menos dois “tempos” estéticos e identidades indumentárias distintas entre si. Mais especificamente, o “gaucho” do centro e o jovem à sua esquerda mostram essa ambivalência dessa modernidade dita periférica: o passado que parou no tempo, sentado – com as vestes e acessórios tradicionais; as bragas, o chiripá, as botas de garrão, as esporas, o relho, as boleadeiras, o chapéu de abas largas, remetendo ao fazer campeiro – e o presente, em pé, mas que segura as tradições – servindo o mate, ou chimarrão, como é chamado no Rio Grande do Sul – vestido conforme os mandamentos da moda europeia contemporânea.

Na história platense, como nos lugares em que esse choque de culturas é maior, passado e presente caminham simultaneamente e as vestes, neste caso, são a maior evidência disso. Moda e vestuário tradicional fazem parte de

uma mesma realidade, a simultaneidade que costuma ocorrer nos locais em que os tempos históricos, sociais, culturais e sensíveis se sobrepõem, convivendo não harmoniosamente, mas como as ideologias: no limite do possível. Os rebeldes farroupilhas talvez tenham sido o melhor exemplo desse paradoxo moderno: proprietários rurais escravocratas, que se opuseram ao Império, fundaram uma República e se diziam abolicionistas, defendiam, de fato, o amplo trânsito pela fronteira sul do Império e seu poder irrestrito dentro desse território. Derrotados no intento republicano do sul – embora, obviamente, apenas uma minoria fosse a favor da República, que acaba sendo proclamada por força das circunstâncias, como arma política – esses “caudilhos” acabam por reforçar das fileiras do Exército brasileiro quando da Guerra do Paraguai e fomentam a formação de um Estado nacional finalmente unificado e republicano.

Antecedentes platinos

Não por acaso Domingo Faustino Sarmiento, presidente argentino do anos 1860, defensor da ocidentalização da Argentina, faz de sua obra *Facundo o civilización o barbárie* (1845), um libelo do “progresso” e uma tese para a identidade argentina, oscilante entre o mundo civilizado, representado por ele mesmo, seus gestos e roupas europeus; a capital Buenos Aires, cidade cosmopolita; e o interior árido, “tomado” por selvagens e seus descendentes híbridos, os *gauchos*, além dos europeus de “segunda categoria” que lá se digladiam, entre as terras ditas de ninguém, o Pampa, a Patagônia.

O paradigma da civilização versus barbárie é fundamental para se entender a formação de um *ethos* platino que perpassa pela indumentária. Não por acaso, outro intelectual de primeira ordem da região, o uruguaio José Enrique Rodó, em sua obra fundadora *Ariel*, de 1900, defende o belo acima de todas as coisas como símbolo do bem e sua personagem Ariel, a confluência de todos os homens, opõe-se a Calibã, o gigante disforme e feio, malévolo por natureza.

Aqui se apresenta a indumentária dandy-criolla como pertencente a localidades do entorno do Rio da Prata, como Pelotas, no Rio Grande do Sul, Motevideu, capital da antiga Banda Oriental do Uruguai e Buenos Aires, antiga sede do Vice-Reino do Rio da Prata, cidade já cosmopolita em finais do século XIX.

Pelotas é a cidade do sul do Brasil que maior contato terá com a cultura, as letras e as artes francesas, motivo inclusive, de uma conotação “afrescalhada” que a cidade recebe. O termo “cocotte”, por exemplo, utilizado até os dias de hoje – cocota, como sinônimo de homossexual -, remete-se a essa aura afrancesada, onde havia um clube francês e fazia parte da formação dos jovens “bem nascidos” a aprendizagem do piano.

Dentro da ótica periférica do Rio Grande é importante sublinhar que já em 1833 a cidade recebe um teatro de proporções invejáveis: o Theatro 7 de Abril, homenageando o aniversário do príncipe herdeiro, que ainda não estava em exercício, Pedro II, ao qual se somará, posteriormente, o Theatro Guarany, já no início do século XX .

Pólo do que seria a primeira “indústria” do Rio Grande do Sul, as charqueadas – unidades produtoras de charque, carne seca, exportada para todo o resto do Império do Brasil como alimento dos escravos e posteriormente os frigoríficos ingleses -, Pelotas desenvolve o que mais se aproxima de um refinamento europeu e da criação de uma pequena aristocracia rural, como charqueadores

– que eram também estancieiros – que além de suas casas de campo, onde atuam economicamente, com seus escravos, peões e campeiros de toda ordem; têm também, a sua moradia, o seu pequeno palácio na cidade, preferencialmente no entorno da Praça General Osório.

Como no caso europeu o traje moderno e o tradicional se encontram na cidade e arredores, que ao mesmo tempo conta com *fontes d'art*, vindas da França e montadas no local em que serão “expostas”, como a praça anteriormente citada.

Pelotas, capital rio-grandense do *savoir-vivre*, já na metade do século XIX está bastante urbanizada, seguindo as diretrizes europeias que necessariamente passavam pelas referências mais próximas: Rio de Janeiro – capital do Império do Brasil, eixo central da cultura cortesã no país -, Montevideu – capital mais próxima, porto receptor de modas e tendências europeias, centro de uma antiga província onde proprietários rio-grandenses também tinham terras – e, por fim, Buenos Aires, grande centro político, econômico, social e cultural, centro de difusão das novidades recém-chegadas desde Madri e Paris, epicentro da vida *sureña*, cidade modelo com seus café, teatros e grandes magazines.

O papel social do dândi *criollo*

Assim como na Europa, cremos aqui, que a figura do dândi *criollo*, ao contrário da conotação pejorativa que passou a ter posteriormente, possibilita a compreensão de um modelo de homem que queria forjar a América democrática. Nesse sentido, a primeira etapa para a democratização seria a homogeneização que o traje do dândi conferiria à indumentária masculina. A invisibilidade que o “uniforme” do dândi permitia possibilitava que livre da opulência do janota o homem pudesse adotar uma aparência “igual”. Do ponto de vista da roupa, portanto, esse homem já havia encontrado um dos pressupostos iluministas: a igualdade. A descrição e a polidez, neste caso, deveriam antecipar o mundo mais justo e idealizado de Rodó em Ariel.

Convém, entretanto, destacar que o dândi *criollo* não é um ingênuo: assim como seus antecessores ingleses, ele é um soldado, pois que no Prata era impossível não pegar em armas, se não nas de fogo ou na adaga, na pena.



Imagens:

Do acervo de Véra Stédile Zattera, para o livro *Iconografia Gaúcha do Século XIX*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

Referências bibliográficas

AÍNSA, Fernando. Dandis y bohemios en el Uruguay Del 900. Una relectura contemporánea. In:

dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5328/1/Aínsa,%20Fernando.pdf

Acessado em 29/05/2012

BARTHES, Roland. Dandismo e moda. In: *Inéditos vol. 3 – imagem e moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAUDELAIRE, BALZAC, D'AUREVILLY. *Manual do dândi*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FIGUEIREDO, Joana Bosak. O texto revestido: a indumentária como tradução de identidade *gaucha* em textos literários e historiográficos do século XIX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MATTOS, Maria de Fátima. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. *d'Obra[s]* vol. 3, n. 6, junho 2009, p. 96 – 103.

NACIF, Maria Cristina Volpi. A aparência vestida; estudo da influência do dandismo no vestuário masculino da Belle Époque carioca. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.

ROOT, Regina. *Couture & Consensus. Fashion and politics in post colonial Argentina*. London/Minneapolis: University of Minneapolis Press, 2010.

_____. *Modelando a Nação: escritos de Moda na Argentina do século Dezenove*. *Fashion Theory*. Edição brasileira. Vol. 1, n. 1, 2002, p. 89 – 117.

STEVENSON, N. J. *Cronologia da Moda. De Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SUTHERLAND, Juan Pablo. (org.) *Cielo Dandi. Escrituras y poéticas de estilo en América Latina*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011.

ZATTERA, Véra Stedile. *Cone Sul. Adereços indígenas e vestuário tradicional. Argentina – Brasil – Chile – Paraguai – Uruguai*. Porto Alegre: Palotti, 1999.